

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

Marivani Briddi Kirsch

**A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Alvorada
2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

Marivani Briddi Kirsch

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia ao Curso de Pedagogia Licenciatura – Modalidade a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Lemos da Cunha

Tutora: Prof^a. Ms. Eliane Gheno

Alvorada
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedicatória

Aos meus familiares e amigos pelo apoio irrestrito em todos os momentos de minha vida. Ao meu marido em especial que soube tão bem compreender os meus momentos de ausência em função deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu o dom da vida e por estar alcançando mais esta etapa. É motivo de muita honra ter chegado a este nível. Esta vitória foi conquistada com a ajuda de muitas pessoas que acreditaram no meu potencial, me motivaram e não deixaram que desistisse quando me sentia desanimada. Agradeço as orações de minha tia Maria de Lourdes, que não estava presente em todos os momentos, mas sentia sua vibração positiva. Agradeço a paciência e colaboração de meu marido e filhos que estiveram sempre comigo. Agradeço aos amigos fiéis que não me abandonaram nas horas difíceis. Agradeço as professoras, orientadoras, tutoras, colegas, alunos, enfim a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para alcançar este momento tão esperado.

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto a relação eu-tu” (FREIRE,1987,p.78)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar a questão do uso das mídias em prol da aprendizagem de alunos em séries iniciais da EJA. Um dos aspectos desta abordagem trata de como o professor está sendo preparado para atuar em sala de aula utilizando estes recursos, pois o que tem ocorrido é o empenho e comprometimento de alguns educadores, enquanto outros reclamam da falta de investimento por parte dos governos, secretarias de educação e equipes pedagógicas. Sabemos que é preciso o comprometimento de todos, mas o educador tem que estar disposto a mudar sua prática e compreender as novas gerações, o modo como se comunicam e como utilizam as mídias no seu dia a dia, para com o auxílio destas, incluir também os alunos que não possuem acesso a esses recursos fora da escola. O professor poderá ser um mediador desta relação entre o aluno da EJA e sua aquisição de saberes no campo tecnológico. O planejamento das aulas com o uso das mídias também é um fator importante para que se alcance os objetivos esperados, no caso a alfabetização destes alunos que não se restringe somente ao ato de decodificar códigos, mas em aprender sobre si e sobre o mundo, tornando-se um cidadão participativo com capacidade de avaliar os acontecimentos sociais criticamente e melhorar o meio onde vive. É preciso uma preparação para que todos, professores, alunos e comunidade escolar estejam cientes da utilidade das mídias na aprendizagem para que dêem a importância necessária, tendo em vista que hoje é quase impossível realizarmos as tarefas diárias sem o uso das novas tecnologias. Vejo como imprescindível a inclusão das mídias nas salas de aula auxiliando a aprendizagem e tornando nossos alunos mais autônomos. O uso das mídias na turma observada permitiu perceber a importância desta prática para o aprendizado em qualquer escola ou modalidade de ensino. Com a inclusão das mídias em sala de aula o professor mediador oportuniza um aprendizado que melhora a capacitação do aluno enquanto profissional. O uso das mídias em sala de aula ultrapassou os muros da escola e permitiu que os alunos

sonhassem com novas possibilidades de trabalho e de oportunidades, como o caso pedreiro que passou a listar os materiais necessários para o trabalho orçado ou da senhora que passou a receber seu salário/aposentadoria sozinha. Eu entendi que é dever do educador formar cidadãos conscientes de sua realidade aptos a usarem sua voz em favor do desenvolvimento e transformação do meio em que vivem. Paulo Freire (2002) nos coloca que as relações são essencialmente humanas e estão incluídas nos processos educacionais “não há docência sem discência”, ele também coloca que ensinar é muito mais que transmitir conhecimento, é segundo ele criar possibilidade para os alunos construírem seu conhecimento de forma autônoma. Moran (2005) nos diz que “educar é chegar ao aluno por caminhos possíveis. O educador precisa estar atento às possibilidades dos alunos e não ficar atrelado aos seus limites

Palavras- chave: Autonomia, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Mídia.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1. O QUE SÃO MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO?	12
2. AS MÍDIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	13
2.1 O USO DAS MÍDIAS NO ENSINO APRENDIZAGEM DE FORMA PLANEJADA.	15
2.2 AS MÍDIAS NO ENSINO DOS ALUNOS DA EJA.	17
2.3 O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ALUNOS EJA COM O AUXÍLIO DAS MÍDIAS.	20
2.4 A ESCOLA DIANTE DO USO DAS MÍDIAS NO ENSINO.....	22
3. SOMOS AGENTES DE NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho foi realizado, tendo por base a prática pedagógica realizada com os alunos de uma Escola Estadual, localizada em Alvorada-RS, em uma turma E1/E2. Esta turma no período de estágio era composta por 21 alunos, sendo 6 homens e 15 mulheres. Dentre eles, três possuem necessidades especiais (sendo aposentados). A faixa etária dos homens é de 16 a 55 anos e das mulheres de 30 a 59 anos. A turma é composta por duas etapas: alfabetização inicial, e continuada, que correspondem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Há uma diversidade de habilidades entre os estudantes, sendo que alguns apenas transcrevem nomes sem fazer a leitura dos mesmos, outros conseguem ler, mas não tem uma compreensão da leitura realizada e ainda há aqueles que já conseguem ler, escrever e até calcular. Os que apenas transcrevem os nomes fazem cálculos mentais voltados para o seu dia-dia, pois trabalham como autônomos na construção civil, pintura de prédios ou como vendedores ambulantes, sendo necessário que calculem, mas na hora de “passar para o papel” não conseguem fazer o registro dos mesmos.

Com inspiração em Paulo Freire e sua proposta educativa, tornei-me uma educadora problematizadora, por isso neste trabalho, pretendo abordar a influência das mídias na educação de jovens e adultos. Suspeito que o uso das tecnologias, de forma planejada, permitem ao aluno desenvolver sua autonomia, facilitando o acesso às informações com mais rapidez. Também desenvolve a organização do pensamento através da participação em sites ou *blogs* (a referida turma de estágio usou um *blog*) ou até mesmo em comunidades virtuais.

Na primeira semana de estágio vi na prática o que já conhecia na teoria. As atividades educacionais para jovens e adultos precisam ser diversificadas e motivadoras, trazendo para os alunos um significado para esta aprendizagem. De nada adianta apresentar atividades inovadoras se não prepararmos estes alunos para recebê-las. Na turma de estágio, ainda nos primeiros dias de prática, planejei uma atividade em que os alunos deveriam se deslocar da sua sala de aula para a sala de vídeo e durante o trajeto a maioria foi embora, pois na visão destes alunos os recursos de multimídia serviam apenas para entretenimento, preferindo ir para suas casas descansar.

A escola também precisa se tornar mais atraente e cabe ao educador transformar-se de simples transmissor de conhecimentos em provocador de aprendizagens, reconhecendo que não é o único detentor do saber e que precisa proporcionar aos alunos os meios necessários para o construírem desenvolvendo simultaneamente o espírito crítico.

1. O que são mídias e tecnologias na educação?

Para definir a palavra “mídia” busquei ajuda na Wikipédia onde encontrei o seguinte: “*mídia*” tem origem na palavra “*médium*” do latim que significa “meio”. No site Infoescola (20/09/2010), Gabriela E. Possolli Vesce define “*mídia educacional*” como um meio através do qual se transmite ou constrói conhecimentos. No Brasil, a palavra mídia é usada para representar, num sentido amplo, as tecnologias no nosso cotidiano. Neste sentido as mídias são: os computadores pessoais, as TV’s por assinaturas, a telefonia móvel, o correio eletrônico, jornais, revistas, a Internet, as tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons, as tecnologias de acesso remoto, entre outras.

Hoje se tornou quase impossível a realização das tarefas diárias sem a ajuda das novas tecnologias, pois usamos constantemente o telefone, para nos comunicarmos, a máquina digital para registrar momentos importantes em nossas vidas, o correio eletrônico para os contatos pessoais, comerciais e profissionais, a máquina do código de barras que chegou ao comércio da esquina junto com o “dinheiro de plástico” (cartão de crédito) que já é acessível à grande maioria da população. Diante desta realidade se torna necessário socializar o conhecimento sobre as mídias, e a escola precisa se preparar e oferecer esta oportunidade aos seus alunos.

As mídias podem facilitar a vida das pessoas, mas ao mesmo tempo aumentam as diferenças sociais, pois quem não investe em conhecimento tecnológico pode perder seu emprego e se não buscar informação e formação poderá ter grande dificuldade em conseguir um novo posto de trabalho.

Desta forma, para superar os desafios que o avanço tecnológico nos impõe, a escola está se aprimorando. Não é possível continuar com aulas ultrapassadas de memorização de conteúdos, é preciso incluir o uso das mídias na sala de aula para que o educando interaja em uma sociedade de multimeios. As mídias podem facilitar a aprendizagem do aluno, uma vez que possibilita o acesso a novas informações e de maneiras diferentes, estimula a compreensão de conteúdos, seja por imagens, textos ou animação em vídeos e som. Moran nos fala que precisamos procurar caminhos para chegar ao aluno e o das mídias pode ser um deles.

Educar é procurar chegar ao aluno por caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia.

É partir de onde o aluno está ajudando-o a ir, do concreto para o abstrato, do imediato para o contexto, do vivenciar para o intelectual, integrando o sensorial, o emocional e o racional. (2005 p.146).

O educador precisa estar atento às possibilidades dos alunos e não ficar atrelado aos seus limites. Ele deve partir de onde o aluno está, interagindo, mediando, auxiliando no sentido de colaborar para a mudança do estado de dependência para chegar à autonomia.

Se o educador é fechado em suas práticas, poderá não chegar ao resultado esperado. A importância dos educadores terem o conhecimento sobre mídias é fundamental para a sua utilização nas salas de aula. O educador precisa se conscientizar da necessidade de atualização permanente, para dar conta do uso das mídias em favor da aprendizagem.

2. As mídias no processo de aprendizagem

Como já dissemos a escola precisa se atualizar e para isso, as mídias estão ao alcance da população, apresentando informações abundantes e variadas, de modo muito atrativo. Os alunos estão constantemente interagindo com as tecnologias. Eles têm contato com todo tipo de informação. É de fundamental importância que os professores utilizem esses recursos no planejamento das aulas, para que os alunos possam desenvolver suas capacidades de comparação e análise de informações, além de poder superar e aprimorar os meios tradicionais de ensino.

As mídias permitem dinamizar as aulas, estimular o senso crítico, a criatividade em função de um ensino que promove a autonomia. Permite que os estudantes descubram novos caminhos. Hoje temos acesso à internet nas escolas, mas ainda há um limite nos professores para fazer uso destas mídias: a pouca capacidade crítica e procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informações e recursos tecnológicos.

Segundo Moran (2005), diante da nova realidade, o perfil do educador também muda, pois este não precisa somente conhecer as novas tecnologias, mas ser capaz de transformar o espaço escolar, modificar e inovar o processo de ensino e aprendizagem. Na visão de Moran o novo profissional da educação integrará melhor as tecnologias com a afetividade, humanismo e ética. Será um professor mais criativo, experimentador, orientador de processos de aprendizagem presencial e à distância. Atualmente, o que observamos nas escolas, são professores que utilizam as mídias para ilustrar aquilo que vinham fazendo, para tornar as aulas mais interessantes, mas ainda falta o domínio pedagógico nesta área para inovar no processo de ensino e aprendizagem.

As mídias aplicadas na turma de estágio inicialmente tiveram a intenção de tornar as aulas mais interessantes, porém os alunos se tornaram participativos e interessados, fazendo com que eu pudesse desafiá-los na sua capacidade de lidar com essas tecnologias. Diferentes mídias e linguagens foram trabalhadas nos espaços de aprendizagem, com a finalidade de explorar as potencialidades e diversificação de recursos metodológicos para o ensino de determinados conteúdos ou determinados objetivos postos no currículo da EJA: vídeos, filmes, materiais digitais, objetos virtuais de aprendizagem, que puderam ser utilizados como ilustração ou aprofundamento de determinados temas tratados nas áreas do conhecimento.

Outra contribuição das mídias nos espaços de aprendizagem é a possibilidade de os alunos participarem do mundo digital, possibilitando-lhes que participem de práticas letradas e que dominem estes recursos em seu benefício.

Cabe dizer que, durante o período do estágio, uma aluna após se apropriar de noções básicas do computador, passou a receber seu salário-aposentadoria sozinha, o que antes não era possível, pois desconhecia a linguagem utilizada por esse recurso. O uso do computador permitiu desenvolver a autonomia desta aluna neste aspecto, o que para mim foi tornando-me uma mediadora no processo de informatização. A educação foi além de um treinamento profissionalizante, proporcionou uma postura crítica que possibilitou à aluna refletir e ousar diante de suas limitações.

Freire (2002, p. 85-86) afirma uma importante constatação: “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.”

Com o uso das mídias em sala de aula inicia-se um processo crescente de inovação e superação de limitações na aprendizagem dos alunos da EJA. Estes passam a ser sujeitos ativos da sua própria história. Finalmente, a alfabetização digital do professor se torna um processo indispensável e contínuo, que requer uma postura reflexiva sobre sua prática pedagógica.

2.1 O uso das mídias no ensino aprendizagem de forma planejada.

O mundo globalizado exige, cada vez mais, profissionais capacitados, para enfrentar as mudanças que surgem no ambiente de trabalho e de outras aprendizagens. Os novos profissionais devem ser críticos, criativos, reflexivos, com capacidade de trabalhar em grupo, de se reconhecerem como indivíduos e como membros participantes de uma sociedade, que buscam o seu próprio desenvolvimento, bem como o de sua comunidade. Portanto, a mudança no ensino é urgente, para atingir estes objetivos. O professor não pode mais ser um mero transmissor de conteúdos, ele precisa construir o conhecimento juntamente com o aluno e desenvolver novas competências necessárias à sua formação.

O mundo atualmente se expressa por recursos tecnológicos e o aluno precisa estar em contato com as diversas formas de compreensão de sua realidade, sendo o professor o mediador desta construção de conhecimento. A escola passa a explorar as mídias no ensino e também utiliza as informações que os alunos têm acesso como: jornais impressos e telejornais, revistas, livros, Internet, panfletos, pôsteres e outros, para analisar e discutir conhecimentos através da leitura dos diferentes textos, incentivando o domínio da linguagem oral e escrita através da pesquisa na *web* e/ou outros meios. A informática motiva os alunos para o estudo, estimula o raciocínio e a construção do pensamento crítico. A partir daí, os professores podem usá-la como ferramenta em sala de aula, tendo como objetivo uma educação mais de acordo com as realidades atuais informatizadas.

É necessário organizar a sala de informática e planejar as atividades com o uso da Internet, contribuindo para melhorar os processos de ensino e aprendizagem, ampliando o acesso à informação, à participação e à comunicação. É importante

estabelecer objetivos, verificar os recursos e equipamentos disponíveis e utilizar a metodologia adequada. O papel do professor será, sempre, de mediador. Somente desta forma, o laboratório de informática cumprirá a função de auxiliar na aprendizagem.

Portanto, os educadores precisam estar atentos ao que está acontecendo, para discutir e analisar, partindo da visão de conhecimento que os alunos têm e ajudá-los a avançar neste conhecimento. O aluno desenvolverá habilidades e competências de pesquisador e produtor de seu próprio conhecimento com autonomia intelectual através de projetos didáticos. Os professores serão orientadores e incentivadores nas pesquisas, auxiliando o aluno a ter autonomia e participação ativa na construção de seu conhecimento. O professor precisa motivar e mediar o processo de forma planejada e participativa, com temas do cotidiano do aluno, permitindo mudanças não somente no campo da formação, mas também na forma de compreender o mundo, algo fundamental nos dias atuais.

Paulo Freire dizia que o mundo “encurta”, tudo fica muito rápido, por isso, para ele, era preciso debater o que se diz, o que se mostra e como se mostra na televisão (2000, p. 49). Isto é problematizar. Freire ainda escreveu "como educadores progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo discuti-la" (2000, p. 50). Desta forma, a educação pode utilizar as diferentes formas de mídias como material paradidático, mas não podemos perder o objetivo central que é o favorecimento da aprendizagem.

Paulo Freire via a Televisão como uma coisa fantástica, mas chamava a atenção para a necessidade das pessoas se colocarem diante dela com um olhar crítico. Freire alertava para a possibilidade dos recursos de telecomunicação serem utilizados de maneira a confundir o ouvinte com mensagens pré-fabricadas. Para evitar este tipo de armadilha ele aconselhava que, se o professor assistisse a um programa em determinada hora, em determinado lugar com seus alunos deveria, logo após, discutir o assunto. Não apenas o conteúdo que estivesse sendo apresentado, mas também para compreender a importância da Televisão enquanto instrumento de comunicação e educação. O aluno teria assim seu primeiro contato com o pensamento científico.

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, e a que vê nela uma intervenção

crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida a crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje tanto mais se afirma a necessidade de rigorosa vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado. (FREIRE, 2000, p.101-102).

Paulo Freire acreditava que o homem deveria se instrumentar com os recursos da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação. “E a sociedade passa assim, aos poucos, a se conhecer a si mesma. Renuncia à velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito” (FREIRE, 2002, p.85).

Paulo Freire (1970) propõe que se trabalhe em favor do alfabetismo conceitual e político, porém sempre em uma relação a dialética. Nesta ótica, a questão é desvendar, desarmar e recriar fatos complexos de leitura e escrita.

A alfabetização para Freire deve ser parte de uma educação crítico-reflexiva que procura contribuir na libertação, dos homens e das mulheres, da manipulação. O seu método de alfabetização, aprovado pela Conferência Nacional dos Bispos no Brasil nos anos 60 (1963), foi adotado imediatamente pelo Movimento de Educação de Base (MEB) como adequado para alfabetizar através da *Telescola (Educação à distância usando rádio e monitores)*. Vejamos que, já naquela época, outras mídias eram utilizadas, para além do quadro e do giz tradicionais.

Encontramo-nos em um processo de mudança sem volta, é preciso continuar investindo na formação do professor que pode incluir em sua prática pedagógica o uso das mídias com seus alunos.

As novas gerações já dominam as novas mídias, porém é preciso ajudar os jovens e adultos, que voltam à escola, no que diz respeito ao desenvolvimento de sua autonomia sobre a própria aprendizagem, melhorando suas relações com o mundo letrado e informatizado.

2.2 As mídias no ensino dos alunos da EJA.

Diante da realidade que vivemos, onde as mídias fazem parte do contexto social dos nossos alunos, se torna necessário incluí-la na prática pedagógica. Porém os referenciais teóricos, nesta área, são poucos e muitas vezes o professor se sente

sem a capacidade para continuar inovando, pois sua formação, sobretudo nesta área, torna-se precarizada.

A escola não deve ficar alheia a esta realidade. As pessoas, na atualidade, possuem uma nova maneira de se relacionar uns com os outros e a escola precisa criar uma proposta pedagógica que inclua os alunos da EJA dentro deste universo das mídias, estimulando a aprendizagem e desenvolvendo a consciência crítica. Portanto, o professor precisa atualizar-se diante dos novos recursos que surgem e adequar-se a estas novas formas de ensinar e aprender. Neste processo de inclusão digital é preciso ter cuidado com dois tipos de sentimento que as mídias provocam: o de rejeição e o de euforia. Muitas vezes o primeiro ocorre por falta de conhecimento, tanto do professor como dos alunos. O segundo ocorre ao ver o entusiasmo de muitos alunos diante das mídias, no caso o computador com acesso a internet ou do uso do projetor multimídia, ou ainda com o uso de revistas jornais entre outros.

O professor diante da curiosidade e interesse dos alunos, muitas vezes passa a utilizar estes recursos de forma abusiva, tornando seu planejamento pouco criativo. Na fala de Freire:

É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. (FREIRE, 2002, p.37)

Como já referido, este trabalho foi realizado a partir do meu estágio em uma turma de EJA alfabetização no mês de abril de 2010, em uma escola estadual, onde a maioria dos alunos eram trabalhadores autônomos, diaristas, pedreiros, pintores, acompanhante de idosos e vendedores ambulantes. Na primeira semana foi proposta à turma uma atividade na sala de áudio visual, onde ficaram poucos alunos. Os alunos desta turma, no geral, possuíam uma visão deturpada com relação às mídias em sala de aula. Para eles a televisão, o computador e o rádio se viam apenas como entretenimento. Como não preparei estes alunos para uma atividade diferente, eles preferiram ir para suas casas sem se darem conta que poderiam aproveitar esses recursos para aprofundar suas aprendizagens, o que foi bastante frustrante para mim, como educadora.

Diante da situação eu procurei fundamentar minha prática e busquei apoio em Paulo Freire, Miguel Arroyo, José Moran, Marta Kohl entre outros e propus aos alunos um diálogo que pudesse ressignificar os saberes acumulados durante suas vidas buscando, a partir daquele momento, novos conhecimentos que pudessem fornecer subsídios para pensarem de maneira consciente e como possíveis transformadores da realidade em que estão inseridos. Assim, as mídias se tornaram um elemento a mais na valorização da prática pedagógica por esta turma, onde o conhecimento não era visto de forma fragmentada, mas como um todo. Para Moran

O conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersetorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível (2000 p.18).

O professor, que se coloca como mediador da aprendizagem precisa envolver os alunos. As mídias podem contribuir neste processo, porém é preciso que antes de usá-las o professor tenha objetivos bem definidos e seus alunos saibam o que são e para que estão usando determinadas ferramentas. No caso da turma de estágio, quando tiveram clareza “do que” e “para quê” iriam usar o ambiente informatizado, a postura foi diferente. Tiveram interesse e interagiram uns com os outros trocando informações e se auxiliando mutuamente diante da tarefa solicitada.

Miguel Arroyo (2006) acredita em uma proposta educativa emancipatória para os alunos da EJA, pois os vê como sujeitos ativos, com consciência clara de seus direitos, que muitas vezes são reivindicados de forma organizada, dentro de lutas coletivas. Segundo ele é preciso vê-los como jovens-adultos que possuem uma trajetória de vida e não como ex-alunos que reingressam na EJA. É preciso entender que o conhecimento do contexto histórico destes estudantes é um instrumento fundamental para o planejamento e interação na aprendizagem. Arroyo afirma que

O foco para se definir uma política para a educação de jovens e adultos e para a formação do educador da EJA deveria ser um projeto de formação que colocasse a ênfase para que os profissionais conhecessem bem quem são esses jovens e adultos, como constroem como jovem e adulto e qual a história da construção desses jovens e adultos populares. (ARROYO, 2006,p.25)

2.3 O desenvolvimento da autonomia dos alunos EJA com o auxílio das mídias.

A evolução das mídias facilitou a vida das pessoas, mas para aqueles que não se atualizam ela pode ser um problema na hora de conservar ou de conseguir um novo emprego, por exemplo, pois a cada dia se torna necessário saber lidar com os diferentes tipos de tecnologias. Uma aluna da EJA, turma de estágio, me confidenciou que deixou de trabalhar no escritório de um advogado porque algumas vezes o mesmo ligou da rua e pediu-lhe que abrisse um “e-mail” e ela não sabia fazê-lo. Isto exemplifica como o uso das mídias pode intervir na cotidianidade dos alunos, e como não usá-los em sala de aula? Diante desta realidade, nas turmas de EJA torna-se necessário promover atividades de leitura que ultrapassem os limites do tradicional em sala de aula. Segundo Freire (1990, p. 11) “a possibilidade de construção do conhecimento a partir das trocas de experiências pessoais no espaço de educação formal, permite uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra em si.”

É importante educar para a autonomia, para que cada aluno encontre o seu ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, é importante educar para a cooperação, para aprenderem em grupo. Com a turma de estágio criei uma página coletiva (*blog*), onde todos poderiam postar assuntos referentes às nossas aulas e fui mostrando a cada um como fazer as postagens. Quando viam o seu nome na Internet e a possibilidade de divulgar os seus trabalhos, ficavam muito motivados, estimulando a participação em todas as atividades. Fizemos pesquisas na Internet, onde foi necessário auxiliá-los, pois a maioria não sabia como acessar. Meu papel de professora foi o de acompanhá-los, incentivando-os e auxiliá-los na resolução de problemas para que depois pudéssemos divulgar os resultados das descobertas no *blog*. Segundo Moran (1995 p.39), assumindo esta postura, “o professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante”.

Eu alternava aulas no ambiente informatizado com as aulas habituais, mas percebi que ao usarem o editor de texto *Word*, os alunos melhoravam rapidamente a escrita, pois percebiam quando suas palavras continham erros ortográficos e procuravam corrigi-los de forma que, quando escreviam em seu caderno, lembravam

a forma correta da escrita, fazendo com que melhorassem seus textos. Usei vídeos e *PowerPoint* para aprofundar os temas pesquisados inicialmente na Internet. Posteriormente os alunos, em grupos, desenvolviam o registro da aprendizagem. Durante o trabalho estava com eles, dando dicas, tirando dúvidas, anotando descobertas.

Como já relatei, antes os alunos não aceitaram facilmente essa mudança na forma de aprender, pensavam que era perda de tempo, preferindo ir embora, mas quando perceberam que poderiam melhorar seus conhecimentos para além dos escolares, também na área da informática, passaram a se interessar.

Moran (2009) salienta a importância de sermos professores-educadores com um amadurecimento intelectual, emocional e comunicacional que facilite todo o processo de organização da aprendizagem. Ele diz que precisamos ser abertos, sensíveis, humanos, que valorizemos mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica sendo capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação.

O acesso às mídias, no geral, pode facilitar na inovação de propostas pedagógicas alternativas, bem como melhorar o nível de conhecimento em diferentes áreas tanto professores quanto alunos. Mas isso só é possível, uma vez que as escolas se encontrem equipadas tecnologicamente.

O professor precisa estar em constante atualização. Precisa estar informado sobre o que está acontecendo no mundo. Para o professor, não basta saber sobre a sua área de atuação. Isto não é mais suficiente para atender às necessidades de seus alunos, mas não quer dizer que o professor precise saber tudo. Porém, precisa estar vinculado ao contexto social em que está inserido. Isso irá implicar em conhecer e usar instrumentação eletrônica, bem como outros recursos pedagógicos.

O professor mediador, facilitador do processo de aprendizagem, fazendo uso das mídias é quem irá desenvolver em sua prática pedagógica as novas tecnologias de ensino utilizando as tecnologias digitais. Através dessa proposta, acreditamos que o aluno construirá estruturas mentais que darão suporte para o uso da ferramenta tecnologia em qualquer situação. Neste processo, os alunos se conscientizam dos diferentes tempos e espaços da construção do seu conhecimento, através da autonomia.

2.4 A escola diante do uso das mídias no ensino

A contribuição da escola se dá na formação do sujeito para capacitá-lo à reflexão-crítica da realidade mais abrangente e do contexto social em que vive, proporcionando a formação de cidadãos protagonistas de uma realidade difícil, mas atualizado poderá ter alternativas para enfrentar este outro contexto social que surge com as mídias.

A escola que visa a inclusão de jovens e adultos, sem escolaridade, passa a oportunizar melhores condições de trabalho para esses alunos, quando prioriza uma educação contextualizada, privilegiando conhecimentos prévios destes alunos visando formar um cidadão crítico-reflexivo diante da sociedade em que vive

As mudanças que vem acontecendo, hoje, na educação são significativas para formar uma nova concepção do que seria desenvolver uma prática contextualizada à realidade do aluno. Porém, com essa dinâmica de tornar o aluno um cidadão protagonista do meio em que vive, a escola precisa estar preparada para desenvolver uma nova forma de fazer educação, pois de certa maneira ainda tem raízes no modo tradicional de ensino, que na maioria das vezes, anula essa nova proposta educacional.

A escola diante de um novo desafio necessita de um educador que problematize os conteúdos, para Moran, o processo de interação, de comunicação tem papel fundamental na construção do conhecimento.

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. (MORAN, 2000, p.23)

Sabemos que atualmente a maior parte da população possui contato com as mídias e a internet que é o meio mais rápido de comunicação, fonte de informação e pivô da nova economia. A escola deve proporcionar este acesso, do contrário a exclusão educacional e social reforçará a exclusão digital.

Também sabemos que não basta ter acesso as mídias, mas é preciso saber utilizá-las para selecionar as informações, favorecendo a compreensão crítica da realidade e ao desenvolvimento humano, social, cultural e educacional, podendo levar à criação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, o desafio da escola é dar nova vida ao currículo escolar, incluindo e fixando nele o ensino e aprendizagem através das mídias.

3. Somos agentes de nossa própria história

Com esse tema e apoiada na concepção freireana, organizei minhas práticas pedagógicas. Precisei problematizar ao invés de dar respostas, uma vez que segundo Freire “[...] ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção”. (FREIRE, 2000, P.52).

Na prática, tentei resgatar a autonomia na aprendizagem, usando como ferramenta as mídias. Tentei sensibilizar os alunos a partir de suas trajetórias, memoriais individuais e sociais e também procurei proporcionar experiências e reflexões acerca de suas vivências e de suas relações de pertencimento aos diferentes grupos que compõem a sociedade (família, escola, trabalho, religião...). Visei, com a prática em sala de aula, contribuir para que os alunos pudessem refletir e mudar a realidade na qual vivem, pois entendo que a profissão de professor deva ter um compromisso verdadeiro com o outro, de coerência entre o que ensina e sua prática em sala de aula. Paulo Freire (1996) escreveu que “tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço”. (FREIRE, 1996, p. 39 e 40).

Inicialmente os educandos não aceitaram o uso de mídias como ferramentas para as aprendizagens. Porém aos poucos foram compreendendo a importância de conhecermos novas formas de ensino e que a tecnologia é um recurso muito importante para a aprendizagem de todos, inclusive a deles. O relato de minha experiência no EAD e as dificuldades que tive no início do curso deu a eles um pouco mais de confiança, para acreditarem no projeto que estava propondo.

No Plano Nacional de Educação, temos como um dos objetivos e prioridade, a garantia do ensino fundamental a todos os que não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. O fim do analfabetismo faz parte dessa prioridade, sendo a educação de jovens e adultos o ponto de partida para cumprir essa meta do PNE. O jovem e o adulto que retornam à escola querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatarem a sua auto-estima.

A alfabetização de jovens e adultos não se faz de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas trazendo para a sala de aula o conhecimento que esses alunos já possuem para provocar neles o interesse por continuarem aprendendo. O educador precisa acreditar no educando, na sua capacidade de aprender, de descobrir, de criar soluções, de desafiar, de enfrentar, de propor, de escolher e de assumir as conseqüências de sua escolha, foi assim que planejei minhas aulas durante a minha prática.

Com a intenção de formar vínculo entre os alunos e melhorar a assiduidade, o que é um problema na EJA, criei grupos por afinidades em sala de aula. Esses grupos resgataram o espírito solidário e a integração.

Para fortalecer a identidade do aluno, sua cultura e sua experiência, para que ele percebesse que a identidade das pessoas é dinâmica, pois nos transformamos durante as fases da nossa vida, trouxe para a sala a história de vida de Tarsila do Amaral, onde os alunos puderam construir a linha do tempo da pintora através de suas obras e, logo após, cada um construiu a sua própria linha do tempo, resgatando assim a sua própria história. Escolhi Tarsila do Amaral, por ser uma mulher que viveu a frente de seu tempo. Para este trabalho foi usado a sala de multimídia, onde apresentei um *PowerPoint*, que continha suas principais obras e a sua história. Conversamos sobre o fato de Tarsila, apesar de ser de família que representava uma classe social bem sucedida, enfrentou o preconceito, pois se casou e para não se sujeitar às ordens de seu marido acabou separando-se dele e indo estudar na Europa. Percebemos que Tarsila do Amaral retratou o povo brasileiro, bem como os trabalhadores, em sua obra “Os Operários”. Esta obra foi “relida” pelos alunos da turma, os quais demonstraram grande afinidade com temática abordada pela autora através da pintura.

Logo após esta atividade, partimos para um projeto de resgate da história da escola a qual completaria 25 anos. Nesta atividade, tivemos a colaboração de toda a comunidade escolar. Também fizemos uma gincana, onde identificamos os primeiros professores, alunos, funcionários e pais que participaram desta história. Nas tarefas da gincana os alunos precisavam trazer documentos, fotos ou pessoas para comprovar sua participação na construção da “Escola Gentil”. Desta forma, foi possível também resgatar a linha do tempo da instituição. Criamos, portanto, uma nova linha do tempo. Antes, de Tarsila do Amaral, depois, de nossa escola.



FOTOGRAFIA 1 – Exposição dos dados coletados pela comunidade escolar formando a linha do tempo da escola.



FOTOGRAFIA 2 – Fotos e documentos relacionados a acontecimentos relevantes ocorridos na escola no ano de 2001.



FOTOGRAFIA 3 – Pessoas que passaram pela escola: alunos, pais, professores e ex-diretores.

No curso de pedagogia estudamos diversos autores. Destaco agora, Laffin (2006/2007) que coloca muito bem o pensamento de Marta Köhl de Oliveira (1983) a qual nos diz que adolescentes e adultos diferem das crianças no processo de aprender, não pelo modo como compreendem o objeto do conhecimento, mas pelo modo como suas mentes trabalham para alcançá-lo.

Diante de um problema cuja exigência seja operar com conceitos, uma criança e um adulto podem abordá-lo do mesmo modo, mas suas tentativas de resolução do problema são completamente diferentes. Quando trabalhamos com sujeitos jovens e adultos precisamos ter ciência que, embora estes sujeitos aparentemente interajam no processo de ensino-aprendizagem de forma semelhante à das crianças, eles já desenvolveram modos próprios de elaboração e de lidar com o real, mesmo na ausência da linguagem escrita e de conhecimentos sistematizados. Assim temos em aula alunos que lidam com cálculos mentais no seu trabalho, como na construção civil, vendedores ambulantes entre outros ofícios, mas que não conseguem resolver uma operação sistematizada no caderno em sala de aula.

É na escola que o sujeito, ao interagir com os conhecimentos das diferentes áreas, aprende a se relacionar com o conhecimento que para ele é novo, a refletir com e sobre a organização desse saber em um sistema conceitual, instrumentalizando-o para o modo intelectual típico da sociedade letrada. Para Oliveira,

Talvez a escola seja o protótipo da instituição social que, no âmbito da sociedade letrada, ensina o homem a transcender seu contexto e a transitar pelas dimensões do espaço, do tempo e das operações com o próprio conhecimento. (OLIVEIRA, 1992, p. 20)

Bernard Charlot (2009), em entrevista à revista Nova Escola, salienta que “ensinar com significação é muito mais importante do que cumprir um conteúdo planejado, quanto mais significativo for o que está sendo ensinado, mais o aluno se põe em movimento, se mobiliza para se relacionar com aquele conteúdo.”

Diante deste aprendizado procurei planejar aulas que fossem significativas, onde travava de receitas de culinária, por exemplo. Quando o objetivo era a leitura e escrita, procurava ofertas de emprego em classificados e com isso, visava auxiliar os alunos a se conscientizarem quanto à necessidade de continuar aprendendo como

força impulsionadora de seu crescimento pessoal e também vinculado ao trabalho. Assim, o meu saber foi crescendo juntamente com os dos meus alunos, pois para mim também estavam sendo significativas as aprendizagens construídas no decorrer do curso através do Estágio de Docência.

Emília Ferreiro (1985) forneceu pistas de como acontece a aprendizagem do jovem e adulto, pois segundo ela ambos reconstruem o sistema da língua escrita para poder se apropriar dela. Deixa claro que no caminho da construção, a descoberta da relação letra/som ocorre quando os sujeitos atingem a compreensão silábica do sistema e nesse momento aquisições já foram feitas, como: a distinção entre desenho e escrita, as hipóteses quantitativa, qualitativa e do realismo nominal. Portanto, a descoberta do princípio alfabético não se dá no início do processo de reconstrução do sistema da escrita pelo aprendiz. As primeiras escritas realizadas pelo aluno devem ser consideradas como produções de grande valor, pois de alguma forma tentaram representar algo através da escrita. Baseada nesta concepção teórica pude conduzir minha prática docente.

O relato de um aluno, com 54 anos, que nunca tinha entrado em uma sala de aula antes, exemplifica isso. *“Eu nunca tinha entrado em uma sala de aula. Estou muito contente, pois já conheço todo o alfabeto, mas ainda não consigo juntar as letras”* (Aluno da E1, 2010). Este aluno chegou muito tímido em sala de aula, pouco falava. Com os dedos cheios de calos, oriundos do serviço pesado de pedreiro, não conseguia escrever quase nada, mas com o tempo e o trabalho em grupo, foi se libertando e com o passar dos dias participava das aulas e se arriscava na escrita de algumas idéias. Apesar de não ter avançado, para outra etapa, ainda considero nossa conquista uma grande vitória, pois este senhor está muito animado e se sente bem na escola.

Ele também disse

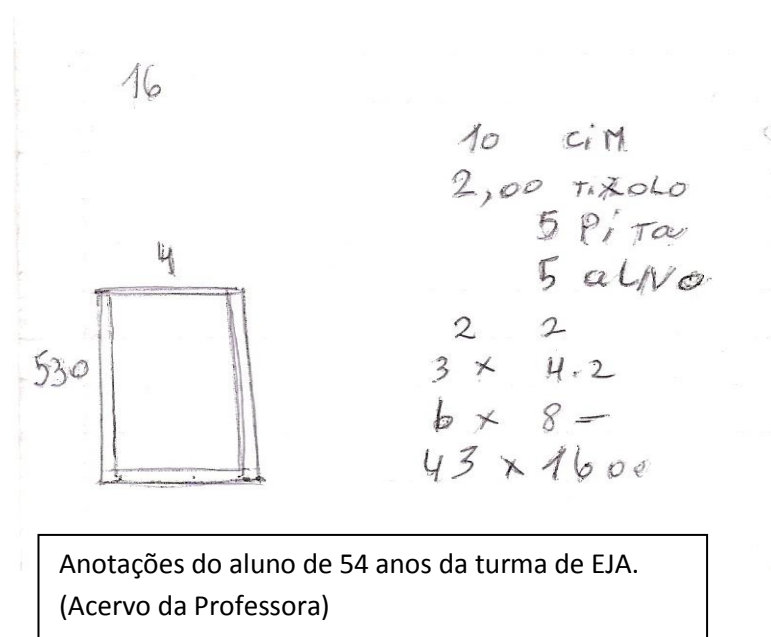
Nunca pensei que fosse ter tantos amigos na escola. Tem dias que me atraso e colegas me ligam perguntando o que houve. Eu estou aprendendo as lições da escola e da vida e isso que já tenho 54 anos. Realmente nunca é tarde para aprender. (Aluno da E1, 2010).

Este senhor não era contratado no serviço de pedreiro, porque não sabia escrever para dar o orçamento. Trabalhava como servente para não ter que se identificar como analfabeto. Nos últimos dias de aula ele me procurou com uma folha

de caderno. Muito feliz, mostrou-me dizendo que era seu primeiro orçamento. Ele escreveu neste papel.

10 cim (cimento), 2,00 tixolo (2.000 tijolo), 5 pita (5 metro de brita), 5 lno (5 metro de areia).

Ainda havia alguns números anotados com a quantidade de ferro, mas não anotei naquele momento, porque ele estava eufórico mostrando para os seus colegas.



O trabalho em grupo foi um grande aliado para o desenvolvimento de alguns alunos, como o citado. Os grupos foram formados inicialmente por afinidade e posteriormente usei a sugestão do GEEMPA¹ e formei grupos áulicos², ou seja, os grupos foram formados por eleição dos coordenadores, que iniciam a escolha dos demais membros do grupo. A proposta é de que os alunos votem, de forma secreta, em um colega com quem gostariam de aprender algo; em um colega com quem gostariam de trocar algo que sabem; e o terceiro voto é para um colega que gostariam de ensinar algo. Com esta formação dos grupos os alunos têm maior interação uns com os outros, confrontam idéias e reestruturam suas próprias

¹ O GEEMPA, Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação é uma associação civil de caráter científico, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, tendo sua sede e foro na cidade de Porto Alegre/RS. O GEEMPA que tem como objetivo o estudo e a pesquisa para o desenvolvimento das ciências da educação e a realização de ações efetivas para a melhoria da qualidade do ensino.

² Grupos áulicos, são grupos de 4 elementos, a partir de uma votação de cada participante em três nomes de colegas, para definir líderes para cada pequeno grupo áulico.

hipóteses. Entendo que com isto, as informações circulam mais, enriquecendo as experiências de todos. Outra razão importante para propor trabalhos com os grupos áulicos, é que os alunos aprendem em conjunto, promovendo a cooperação e o desenvolvimento sócio-moral, como ouvir o outro e levar sua idéia em consideração, respeitar o outro, mesmo que ele tenha uma idéia diferente da sua, saber negociar, levando em conta as diferentes idéias para produzir algo que seja de interesse do coletivo. Quando eles se agrupam já tem a idéia que vão aprender algo, trocar ou ensinar algo com outro, então já existe um entendimento que a aprendizagem se dará por meio da colaboração entre os membros do grupo.

Após a formação dos grupos os alunos iniciaram suas atividades de aula, sendo de início um pouco difícil a organização das tarefas, pois não eram acostumados a combinarem uns com os outros sobre as mesmas. Antes, cada um tentava fazer à sua maneira, sem partilhar dúvidas ou conhecimentos. Através dos grupos, a idéia era socializar conhecimentos e dificuldades e assim auxiliarem-se mutuamente. No transcorrer da primeira semana já podíamos perceber a mudança de comportamento.

Com o trabalho em grupo pretendia formar vínculo entre os alunos, assim como tornar possível uma maior frequência da turma, pois uma das dificuldades para a continuidade da aprendizagem era a infrequência. A criação do grupo visava também resgatar o espírito solidário, a dignidade pessoal e coletiva através da integração social na sala de aula. Diante desta expectativa, foi redigido um contrato didático coletivo, no qual os alunos se comprometeram a fazer o possível para não faltar às aulas. Este contrato foi lido e assinado e encontrava-se visível a fim de que se lembrassem do compromisso, já que a presença é um elemento importantíssimo para a interação do grupo. Através desta ação, houve maior empenho por parte dos alunos, demonstrando seu comprometimento consigo e com os demais membros do coletivo.

Uma das atividades em grupo foi a construção da linha de tempo de cada um, resgatando a história deles, além da de Tarsila do Amaral e da Escola, como já dito. Através deste exercício pude conhecer mais meus alunos que foram aos poucos me contando suas histórias. Muitos não queriam registrar por sentirem vergonha de alguns fatos, mas aos poucos foram sentindo-se seguros e encorajados a realizarem os registros, pois foi deixado a critério de cada um o que gostariam de registrar no

que seria exposto. Havia muitas histórias tristes e traumatizantes como, abuso sexual por parte de familiares, abandono dos pais e vida de muita miséria e fome.

No Laboratório de informática os alunos foram orientados a redigirem no *Word* as suas histórias, tendo a linha de tempo como base. Naquele momento não tínhamos ainda *Internet*, por isso todos os textos foram salvos em uma pasta para que tivessem a possibilidade de continuar redigindo em outra ocasião. Aqui o uso das mídias foi fundamental para a efetivação desta proposta.

Percebi que estas práticas, alunos trabalhando em grupos, tendo como objetivo o resgate de sua história de vida, aliado ao ambiente informatizado, colaboraram para a permanência de um maior número de alunos até o final da aula, pois no dia da atividade de escrita, por exemplo, somente uma aluna foi embora sem utilizar o computador. Também percebo que, com os grupos, houve um esforço maior para chegar ao fim de cada aula nos dias seguintes.

Os alunos posicionados em grupo, mesmo os mais tímidos, acabaram se relacionando uns com os outros, facilitando assim a troca de informações, a interação, a reflexão, seja das atividades de aula ou da própria realidade em que vivem. Assim, o diálogo favorece a aprendizagem e confirma que nem sempre alunos quietos estão aprendendo.

Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária na medida em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem (...). Através do diálogo, refletindo junto sobre o que sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. (FREIRE, 1987, p.123)

Em grupo continuamos trabalhando com temas que eram de interesse dos alunos. O alfabeto ilustrado sobre as profissões foi uma das tarefas realizadas por eles, como também uma ficha contendo os nomes das profissões, seguindo a ordem alfabética, com as funções desempenhadas por cada uma. Com este trabalho os alunos precisaram pesquisar sobre as profissões e também diferenciar trabalho, emprego e profissão. Realizamos pesquisa em jornais, revistas e *internet*. Mais uma vez, as mídias se tornaram importantes para o desenvolvimento de uma proposta com estes jovens e adultos.

Grupo	Alfabeto	Profissões	Objeto
Letra	Profissão	- O que faz? Diga suas ações, Dams	
A	Alfabeto	- costura roupas para humanos	
B	Bombeiro	- Salva a vida da pessoa porje	
C	Cozinheira	- a função principal de cozinhar e servir	
D	Dentista	- cavi, xifi, etc.	
E	Eletricista	- O Dentista é responsável pelo corpo	
F	Leccionista	- alentelejo.	
G	Giornalista	- Eletricista trabalha faz manutenção	
H	Hoteliaria	- cozinha via abito de furo em aço.	
I	Intendente	- analista profissional que trata de detos.	
J	Jogador	- futebol	
K			
L	Lixeiro	- coleta, remove, recolhe, altera...	
M	Mecânico	- jogador, joga futebol.	
N	Narandor	- Lixeiro, eliminava detritos sempre	
O	Oculista	- medicina	
P	Pintor	- mecânica, conserta carros.	
Q	Químico	- medicina, cinema, jogos, saúde, perfume	
R	Recepcionista	- Oculista, cura dos olhos.	
S	Sapateiro	- futebol - pintor, artes.	
T	Tatoador	- Química faz experiências e análises	
U	Urologista	- das substâncias.	
V	Veterinário	- Recepcionista, aquele que comercializa por	
X		- loja de alguma marca.	
Z	Zelador	- Sapateiro é aquele que conserta calças	
		- Intendente é aquele que tratai poron	
		- Tatoador é aquele que faz tatuagem	

Partindo do trabalho anterior fomos para atividades onde os alunos precisavam interagir, pesquisar, discutir e chegar a um consenso, porque cada grupo precisava apresentar aos demais colegas. Os alunos pesquisaram sobre as ofertas de empregos nos classificados, cuidados que devemos ter no trabalho, equipamentos que fornecem segurança, informações que as embalagens dos produtos utilizados devem nos trazer, mensagem na letra de algumas músicas, entre outros trabalhos. A cooperação entre os alunos foi muito importante para a aprendizagem, pois as situações de discussão entre eles permitiram a troca de informações incentivando a formação do espírito crítico e de um pensamento cada vez mais complexo.

Os alunos que trabalharam em grupo acabaram confrontando suas idéias e reestruturando sucessivamente suas próprias hipóteses, favorecendo a circulação de informações que enriqueceram suas experiências e propiciaram novas aprendizagens.

Fiz uso das mídias como forma dos alunos construírem novas hipóteses de escrita (para além de trabalharem coletivamente), quando usei o editor de texto *Word*, que aponta para os erros de escrita, fazendo com que os alunos pensassem outra forma de escrever.

O meu desafio foi incluir as mídias na sala de aula, não usá-las como uma transferência do quadro e giz para o monitor e mouse do caso do computador, mas fazer com que os envolvidos no processo de aprendizagens compreendessem e aperfeiçoassem o saber crítico, para que no futuro pudessem fazer uso dessas tecnologias a favor e a serviço da sociedade na qual estão inseridos.

As mídias utilizadas foram: computador, rádio, projetor, slides, retro projetor, TV, câmera fotográfica, jornais, revistas, Internet. As tecnologias estão à disposição do professor e do aluno, permitindo que ambos obtenham informações sobre qualquer assunto que desejem. Não usá-las a favor da aprendizagem é como ficar diante de um copo de água e morrer de sede.

Para trabalhar com interdisciplinaridade o professor precisa ter uma nova visão dos conteúdos das várias disciplinas que compõem o currículo escolar, assim poderá aliar as diferentes áreas, a teoria e a prática. O valor do trabalho desenvolvido estará centrado na construção do conhecimento pelo aluno, não na transmissão do professor.

Nesse contexto, através do uso da *Internet* e outras mídias possíveis de estarem na escola, se faz necessário repensar os conceitos de ensinar e aprender. Trabalhar com essa “nova” linguagem é a possibilidade de transformar informação em saber, através da formação e informação constante, para construção e reconstrução de conceitos.

Partindo destes conceitos as aulas planejadas e desenvolvidas com a turma de estágio docente, E1/E2, os alunos tiveram escolhas de temas voltados para aspectos sociais atuais como: emprego, equipamentos de segurança do trabalho, direito e deveres do cidadão, Copa 2010. Todos os temas trabalhados eram de interesse dos alunos e faziam parte de seu contexto social, mas não eram restritos às suas realidades. Foi visível perceber que, para além da efetiva colaboração das mídias na busca de novos conhecimentos, os alunos também puderam adotar novas posturas ao trabalharem em grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerei a experiência de estágio extremamente enriquecedora. Fui professora de uma turma de jovens e adultos, etapa inicial, numa área na qual eu ainda não tinha atuado como professora. Durante este tempo coloquei em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Pedagogia, aprendi muito com os alunos, professores, tutores e colegas envolvidos neste processo de aprendizagem.

O Estágio deixou de ser uma atividade meramente formal para se constituir em um verdadeiro aprendizado significativo. Entendo que para a escola se atualizar diante das novas tecnologias, os novos profissionais devem ser preparados com currículos que estejam mais em sintonia com a realidade em que vivemos. Da mesma forma, as exigências legais estabelecem que o estágio seja desenvolvido como forma do aluno/professor ter contato com a realidade concreta. Assim, torna-se imperativo colocar o aluno frente a frente com a situação real do exercício no magistério sem perder a consciência de que ainda está em um processo de formação.

Através deste contato com os alunos da EJA compreendi que o professor desta modalidade precisa ser um incentivador, mostrando a eles a importância de estarem sempre buscando o conhecimento e a compreensão de seus direitos como cidadãos, para se tornarem cidadãos conscientes e transformadores de sua realidade social. Os estudantes da EJA devem ter professores com formação adequada, mas é imprescindível que este profissional tenha uma sensibilidade capaz de perceber que estes alunos possuem uma realidade muito dura e que passaram o dia no trabalho pesado, chegam à aula cansados e nem sempre possuem salários justos, tendo de enfrentar também a privação. Tais contextos não podem ser ignorados por educadores e educadoras.

Finalizo afirmando que o professor tem o dever de contribuir para a formação de cidadãos conscientes e reflexivos, ou seja, um professor transformador, para isto acontecer é necessário que este professor esteja em permanente formação, pois o verdadeiro educador sempre está aprendendo.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel González. In. *Formar Educadores e Educadoras de Jovens e adultos*. In. SOARES, Leôncio (org.) **Formação de Educadores da Educação de Jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, SECAD Mec, /Unesco, T2006

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**, 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. ed. UNESP. 2000.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org.). **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p.11-65

MORAN, José Manoel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. in Integração das tecnologias na Educação/secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005

PAIVA, V.L.M.O. (org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2001. VALENTE, José A. Computadores e conhecimento: repassando a educação. Campinas: UNICAMP, 1993

A formação continuada do profissional formador de recursos humanos, na pós graduação a distância. Instituição PUC-Campinas, São Paulo, Brasil. Disponível em http://www.virtualeduca.org/encuentros/miami2003/es/actas/12/12_03.pdf (Acesso dia 03/09/2010)

CHARLOT, Bernarde. Aprender, mas só com sentido. Revista Nova Escola. Tatiane Pinheiro,06/2009.Disponível em:

http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_476346.shtml

(Acesso em 31/10//2010)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Novas_tecnologias_de_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o (Acesso dia 20/09/2010)

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Elementos para pensar o currículo na educação de jovens e adultos por uma escola de EJA. Disponível em:

<http://www.ced.ufsc.br/escolarizacaoeconhecimentos/fundamentosteoricometodologicos.htm> (Acesso em 15/09/2010)

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma Educação Possível ou Mera Utopia? Disponível

em:http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf (Acesso dia 18/08/2010)

MORAN, José Manoel. Disponível no site: <http://www.eca.usp.br/prof/moran> (Acesso em 29/10/2010)

MORAN, José Manoel.Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. Revista educacional. Rio de Janeiro, Vol.23, nº126. Setembro-Outubro.1995,p.24-26.

Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm> (Acesso em 29/10/2010)

REBOUÇAS, Fernando. Acessoria de Comunicação. Disponível no site Info Escola: <http://www.infoescola.com/comunicacao/midias-educacionais/> (Acesso dia 20/09/2010)

ROSA, Natasha Damiani; VOLPATO, Aline Dutra; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:

<http://www.ced.ufsc.br/escolarizacaoeconhecimentos/eja/educacaodejovenseadultos.htm> (Acesso em 23/09/2010)